



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao Vietnã

Hanói–Vietnã, 10 de julho de 2008

Presidente: Vamos dividir essa entrevista em três momentos, como se fosse uma pequena ópera. Em um primeiro momento, o companheiro Celso Amorim faz uma pequena exposição. Em um segundo momento, eu faço uma segunda exposição com reparação à exposição do Celso. No terceiro momento, vocês fazem as perguntas, nós respondemos e embarcamos. Quero só lembrar que nós temos problemas sérios, porque nós temos que sair amanhã de Díli, ainda com sol, porque parece que uma parte do aeroporto não tem luz, então nós temos que sair de dia. Então, nós temos que correr para chegar cedo.

Companheiro Celso Amorim, os microfones para Vossa Excelência. Abram-se as portas e comece o espetáculo, Celso Amorim.

Ministro Celso Amorim: Presidente, no início do ano, nós havíamos dito, do ponto de vista diplomático, que este seria o ano da Ásia. Isso não quer dizer que fossem perder a prioridade a América Latina e a África, mas a verdade é que fora os grandes países asiáticos – Japão, China e Índia – nós tínhamos feito relativamente pouco com a Ásia. Então, essa viagem do Presidente, aproveitando também o G-8, já é um começo dessa abertura grande para a Ásia, pegando três países da Asean, três países muito diferentes: Vietnã, Indonésia e Timor Leste. Timor Leste é um caso à parte, porque nós temos relações muito especiais, afetivas e etc. Mas, Vietnã e Indonésia são dois grandes parceiros potenciais. No caso do Vietnã, o Presidente já deu amplamente as cifras de comércio, mas este ano eu acho que elas vão chegar a 0,5 bilhão de dólares, mais ou menos, de modo que a meta de 1 bilhão em 2010 será facilmente alcançada.

A visita do Presidente aqui, que se encontrou com todos os líderes –



presidente, secretário-geral do partido, primeiro-ministro, presidente da Assembléia e com o general Giap – evidentemente abre as portas para que esse intercâmbio aumente. Tanto mais quanto a visita foi acompanhada, também, de um seminário empresarial importante. Além dos quatro acordos firmados agora, (um criando uma comissão mista permanente, o outro é de ciência e tecnologia, um sobre esporte, outro sobre desenvolvimento social) já se está trabalhando sobre o acordo firmado antes, quando da minha visita aqui, que é o acordo do etanol. Então, com tudo isso, há uma massa crítica importante.

Eles revelaram também muito interesse em cooperação na área de energia e petróleo. Já há um entendimento avançado com a Petrobras, mas que não pôde ser terminado. Há também grande interesse em cooperação na área de agricultura, inclusive em função de preço de alimentos. Além do aspecto do etanol, que nós já conversamos, e revelaram, quase espontaneamente, quer dizer, o Presidente mencionou, setores mais avançados da indústria brasileira. O Primeiro-Ministro disse que mandaria uma missão para estudar a compra de aviões da Embraer no Brasil, tanto civis quanto militares. Tudo isso, é claro que é perspectiva, a gente não sabe exatamente o que vai sair, não foram assinados contratos, mas esse foi o sentido geral da visita. E eu acho que como introdução é suficiente, Presidente.

Presidente: É importante saber o seguinte: para nós, brasileiros, já está mais do que provado que quanto mais nós diversificarmos as nossas relações internacionais e quanto mais diversificarmos os produtos que nós exportamos, mais chances o Brasil tem de ocupar um espaço importante no mercado internacional.

Vocês se lembram perfeitamente bem quantas vezes nós fomos criticados quando dissemos que íamos priorizar a América do Sul. Vocês sabem quantas vezes nós fomos criticados quando eu viajei para a África. Alguns, até por desinformação, perguntavam: “O que o Presidente vai fazer na



África?” Vocês sabem o quanto nós fomos criticados quando eu fui ao Oriente Médio. Eu me lembro que nós gastamos 500 mil dólares para fazer uma feira de produtos brasileiros e em uma noite só se vendeu 50 milhões de dólares. Mas mesmo assim as pessoas diziam: “Por que se gastou 500 mil dólares para se fazer uma feira de produtos brasileiros?” E agora, nós que já tínhamos uma boa relação com o Japão, com a Índia e com a China, mas eu nunca me conformava e reclamava com o Celso, que era descabido a gente não visitar o Vietnã e fazer aqui uma agenda de negócios na qual a gente pudesse apresentar o que nós tínhamos para vender a eles e eles o que poderiam nos vender. A Indonésia é um país com 200 milhões de habitantes, ou seja, maior do que o Brasil, e a nossa relação com o país era quase nada.

Assim você não faz negócio. Quando é que você faz negócio, efetivamente? Quando você se apresenta ao público, diz o que tem e o que quer, começa um processo de negociação. Vocês sabem o que eu pensava em 2003, eu dizia: “eu quero um ministro das Relações Exteriores que faça o papel de um mascote, que bata palmas na casa dos outros, que ofereça o produto, se a pessoa não quiser comprar, que teime e tente vender o produto”. Tenho provocado empresários brasileiros a viajar, a montar caravanas e viajar, porque há uma carência de relação com o Brasil, é preciso compreender isso.

O Brasil é um país bem visto no mundo, o Brasil é um país de credibilidade. E essa credibilidade aumentou quando as pessoas perceberam que nós temos auto-estima, que gostamos de nós mesmos, e que temos o que oferecer ao mundo. Portanto, nós temos uma oportunidade extraordinária, aqui, no Vietnã. Vocês participaram da conversa e perceberam o seguinte: já chegamos a 323 milhões de dólares, no ano passado. Eram 47 quando nós assumimos a Presidência. É possível chegar a 500 ou um pouco mais esse ano. E é plenamente possível a gente cumprir a meta de 1 bilhão de dólares em 2010. Nós nos conhecemos, sabemos o que cada um produz, sabemos quais são as condições de fazermos interações, e vamos fazer.

Sobre a Indonésia, eu tenho dito que é impossível que o nosso país não



tenha tido uma participação muito mais forte ao longo da história, porque é um país de 200 milhões de habitantes. Nós, amanhã, chegaremos lá com os 30 empresários e executivos que estiveram aqui. Mas, sobretudo, temos interesse em abrir janelas de oportunidades para que um país como a Indonésia possa comprar e vender para o Brasil. Através do Brasil, comprar e vender para o Mercosul, para que a gente possa fortalecer o bloco.

A diversificação na relação comercial do Brasil nos coloca numa situação de menos perigo com relação, tanto à possibilidade do aumento de preços, como diante do perigo de estagnação ou retenção na economia dos países mais fortes.

O Brasil tinha uma balança comercial que era quase meio a meio: metade Estados Unidos e um pouco para a América do Sul e América Latina. Hoje, os Estados Unidos, que já representaram 30% da balança comercial brasileira, representam apenas 15%. A América Latina, que representava muito pouco, hoje representa a maior relação comercial do Brasil. Por quê? Porque nós descobrimos que vender para um país que já tem produtos sofisticados, alta tecnologia e indústria que nós temos é sempre mais difícil. Porque é difícil oferecer um produto que eles não tenham... Na hora que começamos a conversar com os países de menor poder aquisitivo, com os nossos aliados, o que acontece? A gente percebe que as pessoas têm um potencial de compra muito grande, do Brasil.

Qual é a nossa política? Primeiro, nós não queremos manter uma relação comercial em que só o Brasil venda. Nós queremos que os outros países comprem e, para comprar, nós temos que ter o preço considerado justo e equânime para todos os países.

Em segundo lugar nós estamos com um forte programa de investimento, tanto de financiamento do BNDES como de outras instituições, em terceiros países. O Brasil, através do BNDES, tem financiado diretamente projetos de desenvolvimento em países na América do Sul.



Ministro Celso Amorim: Só um dado, Presidente, que eles talvez não saibam, é que segundo os dados da Unctad, o Brasil, entre os chamados emergentes, foi o segundo país com maior investimento no exterior, no mundo, no ano passado. O segundo, somente depois da China.

Presidente: Na verdade, nós não estamos abrindo a cancela. Nós estamos apenas tirando duas madeiras para a gente poder enxergar o mundo mais amplo do que o mundo com que o Brasil faz relação comercial até agora. A vinda ao Vietnã é um pouco comercial, mas tem um pouco de simbolismo. A minha geração é a geração da Guerra do Vietnã. Muito embora, eu diria que na década de 60, no começo, eu era um ser humano despolitizado e como eu sou corintiano e o Corinthians estava em uma época difícil, em que perdia todas e era chamado de “faz-me rir”, eu aprendi a gostar dos fracos. E como o Vietnã se apresentava diante dos Estados Unidos com soldados pequenos, pessoas magrinhas, para enfrentar aqueles homens de 1,90m dos Estados Unidos, bem alimentados com hambúrguer e não sei das quantas, automaticamente a gente passava a torcer para os considerados mais fracos. Então, era uma torcida de quem queria que o Davi derrotasse o Golias e aconteceu exatamente isso.

Hoje, quando eu fui visitar o general Giap, eu confesso a vocês que eu fiquei emocionado, porque eu li muito sobre aquele homem, as proezas dele são incontáveis, de tantas proezas que ele tem, o heroísmo dele, o estrategista que ele é, as vitórias que ele teve. Então, encontrar aquele homem minúsculo, com 98 anos de idade, e saber que por detrás daquela aparência minúscula, tem um homem que derrotou o grande poder militar francês e o grande poder militar americano, é no mínimo você estar diante de uma figura superior. É um ser muito mais forte.

Bom, com relação à visita a Díli, o Brasil tem compromissos, eu diria, políticos; culturais; étnicos com o Timor-Leste. Uma parte da população fala português, nós temos professores trabalhando no Timor-Leste, então, é uma viagem mais de irmão para irmão. É um irmão maior que visita o irmão menor.



Ministro Celso Amorim: São 50 professores, tem uma oficina do Senai e tem também grande assistência na área Judiciária no Timor-Leste.

Presidente: E se estivermos vivos, no domingo voltaremos para o Brasil.

Ministro Celso Amorim: Deixe-me falar uma outra coisinha para vocês, rapidamente. É que o Brasil se tornou um importante investidor na Indonésia também, quando a Vale do Rio Doce comprou uma empresa canadense, cujo nome agora não me lembro, de exploração de níquel e ela era uma grande investidora. Então, o Brasil passou a ser um investidor importante na Indonésia. E aqui no Vietnã, se me permitir uma gracinha só, antes de terminar, sempre brincava um pouquinho, porque o Vietnã é quase um tigre asiático. A gente tem que pegar um tigre enquanto ele ainda é um gato. Então, aqui é o caso do Vietnã, em que a gente está pegando o tigre enquanto ele é um gato.

Jornalista: Presidente, o senhor falou muito da questão de aproveitar o comércio, as exportações, o comércio internacional. Mas um dos fatores fundamentais para isso é a questão do câmbio e o câmbio no Brasil continua (Inaudível) e as importações brasileiras, este ano, estão crescendo 65%. Isso, (Inaudível) vai diminuir e o senhor falou que a participação dos Estados Unidos diminuiu para 15%, mas a participação da China, que era irrelevante há 10 anos, já está em 10%, aumentou barbaramente e o Brasil está importando de tudo da China. E se o câmbio continuar assim, vai importar cada vez mais.

Presidente: Então, vamos separar a conversa. Miguel Jorge quer se sentar aqui, você que é especialista em importação e exportação? Afinal de contas você é o meu mascate. Deixe-me dizer uma coisa para vocês. É importante que a gente faça uma separação do tema que você levantou. Primeiro a questão da redução do dólar. Não é o real que está se valorizando. É o dólar



que está se desmilingüindo diante de todas as moedas. Possivelmente até por uma política premeditada dos Estados Unidos, para resolver, de um lado parte do seu déficit fiscal e de outro lado para resolver o problema do seu déficit de balança comercial. E obviamente que com os americanos mantendo a taxa de juros muito baixa, significa que os investimentos vão para outro lugar, não ficam investimentos nos Estados Unidos.

A segunda coisa é com relação às exportações brasileiras, o crescimento das importações. Vamos atentar para o seguinte: toda vez que uma dona de casa ou um trabalhador procura um produto no supermercado, e naquele supermercado em que ele vai não tem o produto, ele corre para outro supermercado, pode ser mais caro ou mais barato, mas se for um produto imprescindível ele vai comprar.

O que acontece, efetivamente? Na medida em que a demanda brasileira é maior do que a nossa capacidade de oferta, porque você teve um PIB que cresceu 5,8% e você tem um consumo que cresceu 8,5%, significa que você tem uma defasagem de quase 3% entre a oferta e o consumo, e que as pessoas preenchem esse vazio da oferta brasileira procurando produtos para importação. Isso é uma coisa... E é saudável.

Vocês estão lembrados que todos os economistas brasileiros, há alguns anos, diziam que na hora que o Brasil começasse a importar haveria um equilíbrio do câmbio. Não aconteceu isso.

Agora, o que é importante também é a gente saber que 70% do que o Brasil está importando hoje são máquinas e equipamentos, portanto são coisas que significam maior capacidade de oferta amanhã, maior capacidade de produção amanhã, porque as empresas estão se modernizando, inovando tecnologicamente, e eu penso que vai ter um encontro com a verdade em 2009. Eu queria lembrar a vocês...

Ministro Miguel Jorge: Presidente, queria dar uma informação que é nova. Nós estamos revisando, e hoje está no (inaudível), as exportações já vão para



190 bilhões.

Jornalista: As exportações?

Ministro Miguel Jorge: São revisadas de 180 para 190.

Jornalista: No mês de junho?

_____: Não, 190 bilhões.

Presidente: Deixa eu contar uma outra coisa que me deixa tranquilo, que é o seguinte: nós estamos com um forte investimento. O nosso BNDES que, então, tinha a norma de emprestar 48 bilhões, 40 bilhões, esse ano emprestou 90 bilhões de reais.

Então, nós temos muitos investimentos. Só fábricas de cimento, são 10 fábricas novas que estão sendo criadas no Brasil. Mais indústrias metalúrgicas, mais siderurgia, mais refinaria. Ora, na medida em que você começa a fazer um investimento, num primeiro momento esse investimento significa consumo, porque as pessoas estão comprando equipamentos para as fábricas. Essa empresa só vai deixar de ser consumo quando ela começar a produzir e virar oferta.

Eu estou convencido... Tanto é que nós trabalhamos com uma inflação de 5.7 em 12 meses, este ano, mas, ao mesmo tempo, o Banco Central já trabalha com uma inflação de 4.5, 4.7 ou 4.9 para o ano que vem. Significa que nos prognósticos, mesmo os mais conservadores, já se sabe que a inflação vai ter um refluxo.

A questão dos alimentos, eu tenho dito para vocês: nós precisamos fazer um diagnóstico mais preciso e mais unânime para que depois a gente possa, então, apresentar as medidas para resolver o problema do preço dos alimentos. Diziam que o problema dos alimentos eram as commodities, mas



feijão não é commodity e aumentou.

Então, quando nós lançamos o programa Mais Alimentos, nós estamos aumentando, também, o preço mínimo para cada produto, para que a gente possa incentivar as pessoas a produzirem. E eu estou convencido de que o preço de alguns alimentos que aumentaram demais já chegaram no teto, e que a tendência agora é começar a cair.

Eu trabalho com a convicção de que balança comercial é boa quando há um equilíbrio. Não é uma balança comercial favorável aquela em que você tem um superávit muito grande e superior aos seus parceiros. A balança comercial positiva e saudável é aquela que é equilibrada, você exporta 180 milhões e importa 170, ou importa 180, que haja um equilíbrio. Por quê? Para que os outros países também se sintam felizes em negociações com o Brasil.

Eu poderia pegar como exemplo o caso da Venezuela. Nós temos um superávit com a Venezuela de quase 5 bilhões de dólares. A Venezuela compra tudo de nós e nós não compramos nada deles. Então, a nós interessa trabalhar – por isso é que montamos a Embrapa lá, por isso é que montamos a (inaudível) lá, o Jorge mandou a sua equipe trabalhar lá – para que a gente possa importar produtos da Venezuela e tornar essa balança comercial mais equilibrada e vantajosa para os dois.

Para terminar, vou dizer o seguinte: quando alguém sai de manhã, em São Paulo ou no Rio de Janeiro, e vai a uma feira de automóveis comprar, qual é o denominador comum, o ponto importante do negócio? É quando aquele cara consegue comprar um carro, chega para a mulher e diz o seguinte: “Olha, fiz o melhor negócio do mundo. Comprei um carro extraordinário por um preço extraordinário”. E o vendedor chega em casa e fala para a mulher: “Vendi o carro por um preço extraordinário, encontrei um comprador que pagou exatamente aquilo que eu queria”. Ou seja, eles encontraram um ponto comum. Nós queremos encontrar esse ponto na balança comercial: não queremos só vender nem queremos só comprar. Porque é essa divisão de venda e compra que consegue garantir o crescimento sustentável dos países.



Ministro Celso Amorim: Uma curiosidade que eu acho interessante, também: os economistas dizem que uma das razões para a economia brasileira estar sólida, apesar da dificuldade das transações correntes, é o investimento estrangeiro. Veja que curioso: até pouco tempo atrás, o México era considerado a grande estrela para o investimento estrangeiro. Eu acho que não há nenhuma inconflitância em dizer que o presidente do México perguntou ao presidente do Brasil, quando nós estávamos no helicóptero, juntos: “Mas o que vocês fizeram para ter tanto investimento estrangeiro?”. Eu falei: “Nada, só a economia que está correndo bem e todo mundo quer investir lá. Está batendo recorde todo ano”.

Presidente: Vamos lá, gente, mais uma pergunta.

Jornalista: Presidente, sobre a operação que foi desencadeada pela Polícia Federal, que resultou na prisão de várias pessoas importantes ali, o senhor acha que isso...

Presidente: Importantes para quem?

Jornalista: Importantes ali, donos de bancos e tudo o mais, que foram soltos ali, pelo... O senhor acha que isso pode ter alguma influência na sua (inaudível)?

Presidente: Não. Toda vez que a Polícia Federal faz uma ação dessa magnitude gera uma repercussão muito forte na imprensa e na política. A Polícia Federal investiga e toma as suas decisões com base, primeiro, em decisão judicial. Não pode prender ou entrar na casa de ninguém se não houver uma decisão judicial. Então, é o Poder Judiciário que concede à Polícia Federal o direito de entrar na casa de uma pessoa.



Ora, se isso é certo ou errado, vamos saber quando houver um veredicto final. Isso se transforma em um processo, vai ser julgado nas várias instâncias do Judiciário brasileiro, e um belo dia aparece “inocente” ou “culpado”.

Obviamente, quero dizer a vocês o que venho dizendo nos últimos seis anos: é importante que a Polícia Federal trabalhe com todo cuidado, para não criar manchetes envolvendo nomes de pessoas que depois se transformam em inocentes e ninguém pede desculpas.

Jornalista: Essa seria a minha pergunta, Presidente.

Presidente: O que eu acho é que só tem um jeito de as pessoas não serem investigadas pela Polícia Federal: é a Polícia Federal não saber ou a pessoa não ter cometido nenhum delito. Quando a Polícia Federal, num processo de denúncia, pede que o Judiciário faça a quebra do sigilo bancário ou telefônico da pessoa, e vai investigar, a Polícia Federal está resguardada pela lei.

A partir daí, acho que o processo deve ser feito com o maior cuidado, para que não se distorça o processo de investigação. Nós queremos investigar. Não queremos punir antecipadamente, nem absolver antecipadamente. Esse cuidado é muito importante. Eu tinha dito isso quando houve a operação “João de Barro”, que pegou quase 100 prefeitos. Estamos em época eleitoral, você pode acusar um prefeito que é inocente e pode não estar na lista um prefeito que é culpado. Então, esse cuidado eu acho que a Polícia Federal tem que ter, para que não cometa erros nem excessos.

Jornalista: Presidente, houve uma repercussão internacional sobre essa operação. Na Europa, o Financial Times, quer dizer, há uma repercussão, foi divulgado isso com um toque político, dizendo sobre a possibilidade de influência, ou de contaminação das eleições por conta de voltar ao tema “mensalão”...



Presidente: Olha, do que eu vi, até agora, nenhuma pessoa envolvida tem nenhuma importância político-eleitoral, pelo que vi até agora, nenhuma tem. Segundo, isso agora vai se transformar num processo. Vai chegar a um momento em que cada um fala o que quer, e tem um momento em que isso cai nos canais tradicionais e normais do Poder Judiciário e, um belo dia, terá um resultado. É disso que nós precisamos.

Jornalista: O ministro da Justiça criticou muito esse vazamento da Polícia Federal para os veículos de comunicação, quer dizer, que isso atrapalharia todo o processo. Queria a opinião do senhor.

Presidente: Eu acho... Deixa eu lhe falar uma coisa, eu não estou dizendo isso agora, nesse caso, eu digo isso há muito tempo: toda vez que há um vazamento, em que você coloca o nome de uma pessoa, sem que tenha sido investigado corretamente, nas primeiras páginas dos jornais, se houvesse o hábito de se pedir desculpas, seria ótimo. Eu coloquei o nome de alguém na primeira página do jornal, não era verdade aquilo, então eu faço a mesma matéria, a mesma manchete pedindo desculpas.

Como não há esse hábito, eu tenho dito publicamente que é preciso tomar cuidado com vazamento, porque o vazamento pressupõe que você condene a pessoa antes de a pessoa ser julgada, ou que você absolva a pessoa antes de a pessoa ser julgada.

A única coisa que nós queremos é o seguinte, só tem um jeito de ninguém cair no processo de investigação: é andar na linha. Quem achar que pode viver de picaretagem, pode viver, mas um dia cai, e quando cair, arque com as consequências. Nós vamos continuar investigando toda e qualquer denúncia feita, contra toda e qualquer pessoa. Agora, o investigar não significa condenar antecipadamente.

Jornalista: O senhor não acha que há um sentimento da população de que a



Justiça não age? Justamente agora que, por exemplo, foram presas tantas pessoas e chega o STF e libera todas elas?

Presidente: Meu filho, não é correto e nem é prudente um presidente da República dar palpite sobre a decisão do Poder Judiciário. Não é correto, não é prudente e não é sensível fazer isso.

A sociedade está muito inteligente, está muito esperta, ela vai percebendo as coisas, vai acompanhando, vai lendo, ela vê quem omitiu, vê quem mentiu, vê quem exagerou para mais ou para menos, ela vai fazendo a sua avaliação.

Agora, o Poder Judiciário é o Poder Judiciário. Quando há uma decisão da Suprema Corte ou de uma instância superior eu, pelo menos, tenho por hábito não dar palpite.

Presidente: Tchau, gente.

Jornalista: Tchau, obrigado.

(\$31DGJLQ)